

A Mensagem de Fátima e o problema da falsa obediência

pelo Padre Nicholas Gruner, B. Comm., S.T.L., S.T.D. (Cand.)

Estou muito grato pela oportunidade de escrever sobre este assunto. Quem dera que mais publicações católicas estivessem abertas a uma busca da verdade naquilo que é, no ambiente pós-conciliar, o assunto mais “politicamente incorrecto”: A Mensagem de Fátima e a sua relação com a actual crise na Igreja e no mundo.

Introdução

Os assuntos deste artigo são: (1) A supressão evidente de um texto do Terceiro Segredo de Fátima que explicaria e acompanharia a visão do “Bispo vestido de branco” publicada sob os auspícios (com bastante estranheza nossa) do Secretário de Estado do Vaticano em 26 de Junho de 2000. (2) O outro assunto é a Consagração da Rússia que, obviamente, não foi feita e sobre a qual o Cardeal Bertone nos teria proibido de falar.

Mas não é o meu objectivo enumerar aqui todas as provas que levaram Antonio Socci, o famoso Católico italiano que estava determinado a provar que este texto-chave não existia, a “render-se,” como ele diz, e a concluir – juntamente com aqueles que ele antes punha de lado como sendo “Fatimistas” – “que é certo que existe uma parte do Segredo que não foi revelada, sobre a qual não se pode falar.”¹

Na versão mais alargada deste meu artigo, pus em apêndice um sumário dos factos-chave (veja-se “[The Fatima Message and the Problem of False Obedience](#)” em **Exclusivos de Fátima**) que elimina toda e qualquer dúvida razoável de que, como escreve Socci, “a parte explosiva do ‘Terceiro Segredo de Fátima’ existe, e até hoje está bem escondida...” Na verdade, Socci ajudou a fazer história ao escrever um livro sobre este assunto que, essencialmente, acusa o Secretário de Estado do Vaticano de ter suprimido as próprias palavras da Mãe de Deus.

Em vez de fazer uma revisão das provas, irei hoje centrar-me num grande obstáculo ao cumprimento dos imperativos da Mensagem de Fátima: a falsa obediência.² Permitam-me um breve esboço do contexto em que este obstáculo surgiu.

O papel da falsa obediência na crise pós-conciliar

Desde o Concílio Vaticano II que tem havido uma divisão sem precedentes da Igreja em campos de batalha que içam as respectivas bandeiras por detrás de fortificações impenetráveis. A emergência destes campos é o resultado directo da suposta “nova orientação” da Igreja desde o Concílio – uma miragem, evidentemente, mas uma miragem que provocou um dano terrível na Igreja. A própria existência de uma distinção,

até aí não mencionada, entre Católicos Novus Ordo e “Tradicionalistas” diz-nos que as “reformas” do Concílio Vaticano II causaram um quase-cisma desastroso no seio da própria Igreja.

Ora, os “Tradicionalistas” são simplesmente os Católicos que não mudaram, enquanto que os líderes da implantação do Novus Ordo defendem as novidades dos últimos quarenta anos como se tivessem sido definidas como dogmas da Fé, embora o Papa Bento XVI tenha exposto a fraude total desta posição, ao declarar que a Missa antiga “nunca tinha sido abrogada” e que o seu uso por qualquer sacerdote da Igreja “sempre foi e continua a ser permitido.”

A imposição destas novidades sobre a Igreja – e, com elas, a oposição “oficial” à Mensagem de Fátima – dependeram, precisamente, de uma falsa noção de obediência à autoridade eclesiástica. E foi precisamente o actual Papa Bento XVI quem expôs esta falsa noção, quando ele era ainda o Cardeal Ratzinger:

O Papa não é um monarca absoluto cuja vontade é a lei, mas é, sim, o guardião da autêntica Tradição e, conseqüentemente, o primeiro garante da obediência... É por isso que, com respeito à Liturgia, ele tem a tarefa de um jardineiro, não a de um técnico que constrói máquinas novas e atira as velhas para o lixo...

Aqui, o Cardeal Ratzinger estava a comentar aquilo que até o próprio Novo Catecismo declara: que “mesmo a autoridade suprema da Igreja não pode alterar a Liturgia arbitrariamente, *mas só na obediência da Fé* e com um religioso respeito pelo mistério da Liturgia.”³ (CCC N.º 1125, p. 256) E o que é verdade a respeito do Papa – que o seu poder e autoridade estão limitados pela obediência da Fé – ainda é mais verdade a respeito dos seus subordinados. Entre eles, até hoje, a Obediência da Fé foi largamente substituída, na época pós-conciliar, pela obediência à autoridade dos respectivos superiores, por vir de quem vem. O positivismo (a minha vontade é a lei) e o nominalismo (o que eu quero é bom, porque sou eu que quero) invadiram a Igreja, encapotando os seus abusos na virtude da obediência, que parece ter-se tornado a única virtude sobre que insistia a autoridade eclesiástica.

Não é coincidência que esta invasão da Igreja pelo positivismo e o nominalismo coincida com “a invasão da Igreja pelo pensamento mundano”, o que Paulo VI lamentou – mas tarde demais, pois a “abertura ao mundo” começara já a infligir o seu incalculável dano, e o “fumo de Satanás”, que ele também lamentou tarde demais, entrara já na Igreja pelas “fissuras” de que o Papa só se deu conta depois de o fumo ter entrado.

Verdadeira obediência: A obediência da Fé

Claro que aquilo que é verdade quanto à Liturgia também é verdade quanto a tudo o mais na Igreja: há uma obediência da Fé que é mais alta do que a obediência aos homens, mais alta ainda do que a obediência ao Papa, como Bento XVI observou. Tal

como o primeiro Papa já tinha observado: “Nós devemos obedecer a Deus, antes de aos homens.” (*Actos 5:29*)

Com efeito, toda a autoridade deriva da autoridade divina, porque, se Deus não existisse, não haveria nenhuma base segundo a qual um homem pudesse exercer autoridade sobre outro, mas unicamente diversos “contratos sociais” assentes no “consentimento.” Toda a autoridade sobre a terra, tanto temporal como espiritual – dos pais aos polícias e aos políticos, do padre ao prelado e ao Papa – deriva, em última instância, da autoridade divina. Todos aqueles que exercem a autoridade, seja de que tipo for, mesmo a autoridade papal, devem exercê-la em conformidade com a Vontade Divina. E todos os que obedecem à autoridade, seja ela de que tipo for, devem obedecer primeiro à autoridade divina.

A falha em reconhecer e aceitar a obediência que é absolutamente devida a Deus, acima de toda a autoridade humana, é o que está errado na noção moderna de autoridade. E isso resultou no caos moral, político e social do nosso tempo. E foi esse mesmo caos que Paulo VI lamentou tarde demais, porque infectou o próprio elemento humano da Igreja, produzindo a situação paradoxal de se pedir que se respeite a “autoridade” que é contrária à própria base de toda a verdadeira autoridade: a Vontade Divina para o homem.

Portanto, uma vez que toda a autoridade vem de Deus, nós obedecemos aos homens porque – e só porque – a sua autoridade se baseia, em última instância, na autoridade de Deus. E esta obediência, sempre que ela não seja contrária à lei de Deus, é na realidade um acto de justiça – por se dar a outrem, e em última instância a Deus, o que é devido. Mas Deus não entrega a qualquer homem a autoridade para mandar, nem a qualquer um o direito de *obedecer* a uma ordem que seja contrária às ordens que Ele nos deu, incluindo o Decálogo e a lei dos Evangelhos, que é a “lei positiva” de Cristo-Rei.

Mais ainda: toda a autoridade na terra é limitada por decreto de Deus. Nem mesmo o Papa tem uma autoridade ilimitada. Nós conhecemos os limites da autoridade do Papa, através da Revelação, das Sagradas Escrituras, da Tradição, e dos ensinamentos do verdadeiro Magistério, tanto Ordinário como Universal, bem como os ensinamentos do Magistério Extraordinário, nas suas definições dogmáticas.

A obediência da Fé e a Mensagem de Fátima

Claro que, como diz Santo Agostinho, “Deus é ordem”. Por conseguinte, existe uma hierarquia de autoridade. E uma ordem da autoridade mais alta – quando está dentro do âmbito da sua jurisdição – sobrepõe-se à ordem de uma autoridade inferior. Há uma hierarquia de anjos, uma hierarquia de seres na natureza e uma hierarquia de autoridade na Igreja. A autoridade de Nossa Senhora, depois da do Seu Divino Filho, é a autoridade mais alta na Igreja e no mundo. Repare-se que a Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria, na qualidade de Rainha do Céu e da Terra e Mãe de todos os viventes, tem uma verdadeira autoridade, *materna e real*, sobre cada um de nós, cada um dos membros da

raça humana, e particularmente cada Católico, incluindo todos e cada um dos padres, Bispos e Cardeais, e, finalmente, o próprio Papa.

Em 13 de Outubro de 1917, a Rainha do Céu e da Terra impôs-Se ao sol, e até o sol Lhe obedeceu. Assim devem fazer todos os Seus filhos, seja qual for a sua posição na Igreja. A Mensagem de Fátima, com as suas prescrições para a Igreja, é precisamente um exercício da Sua autoridade sobre toda a Igreja, incluindo o Papa. E é impossível, para a Imaculada e Sempre Virgem Mãe de Deus, possuída pela Visão Beatífica de um modo único e inigualável, abusar ou exceder a Sua autoridade. Consequentemente, quando a *Senhora* dá uma ordem, nós *devemos* obedecer-Lhe. *Até o Papa* Lhe deve obedecer.

Daí que a obediência à Mensagem de Fátima, o que significa obediência à Mãe de Deus, encontra-se subsumida sob o conceito de obediência da Fé, obrigando até o Papa a agir em prol da Fé, acima de tudo para a salvação das almas. E isto leva-me à questão do Terceiro Segredo, em particular, e à sua relação com o problema da falsa obediência.

A obediência da Fé versus a falsa obediência com respeito ao Terceiro Segredo

Ora, nós sabemos com toda a certeza que o texto do Segredo que falta – aquele que está “bem escondido” no Vaticano – envolve as famosas palavras de Nossa Senhora registadas na Quarta Memória da Irmã Lúcia: “Em Portugal, se conservará sempre o dogma da Fé etc.” E sabemos que um Jesuíta Austríaco, o Padre Joseph Schweigl, enviado por Pio XII em 1952, com a missão de interrogar a Irmã Lúcia sobre o conteúdo do Segredo, revelou que o Segredo

“tem *duas partes*: Uma diz respeito ao Papa. A outra, logicamente – embora eu não deva dizer nada – teria de ser a continuação *das palavras*: Em Portugal, se conservará sempre o dogma da Fé.”⁴

Ficamos, assim, a saber que o texto que compreende a *segunda* parte que falta do Terceiro Segredo, regista as preciosas *palavras da Santíssima Virgem* que a Irmã Lúcia ocultou com o seu “etc.”

Mas o Cardeal Bertone, então Secretário de Estado do Vaticano, continua a manter a ficção de que “é de difícil decifração”⁵ a visão do “Bispo vestido de branco,” que recebeu uma mão-cheia de interpretações contraditórias, e que *é tudo o que está* no Terceiro Segredo de Fátima. Recusou-se firmemente, o que é muito significativo, a perguntar à Irmã Lúcia o significado do famoso “etc,” embora tivesse tido todas as oportunidades de o fazer durante os cinco anos de controvérsias desde a altura em que a visão foi publicada em 2000 – perante o cepticismo generalizado quanto à questão de o Vaticano ter ou não divulgado a totalidade – até à morte da Irmã Lúcia em 2005. Ou talvez tivesse perguntado, e tenha na sua posse informações que julgou ser conveniente não revelar.

Agora, porém, os partidários de uma obediência falsa e cega à autoridade aconselham-nos a *esquecer as palavras da Mãe de Deus* porque um funcionário do Vaticano as considerou dispensáveis. Um destes porta-vozes, Antonio Borelli, ⁶ da Tradição, Família e Propriedade (TFP), que se declara ser um campeão de Nossa Senhora de Fátima, declara que as palavras a que se refere aquele “etc.” revelador “ficarão para sempre como um mistério inexplicável” e que “Foi um grande desapontamento não ter sido possível resolver a questão do ‘etc.’ mas temos que trabalhar com esse facto concreto inevitável.” Ah sim? E porquê?

Segundo o Sr. Borelli, a resposta é: *simplesmente, e apenas, porque uma autoridade humana assim o quer*. E uma autoridade humana, ainda por cima, que não tem autoridade neste assunto, porque o Secretariado de Estado do Vaticano é uma criação de homens, e não de Deus, e não faz parte, de maneira nenhuma, da constituição divina da Igreja. Na verdade, Pio XII dispensou o Secretariado durante o seu pontificado.

Foi quando ele estava a servir o cargo de Secretário de Estado, no mandato de Pio XI, que o futuro Pio XII fez uma declaração surpreendente e profética:

Estou preocupado com as mensagens da Santíssima Virgem à pequena Lúcia de Fátima. Esta persistência de Maria sobre os perigos que ameaçam a Igreja é um aviso divino contra *o suicídio de alterar a Fé na sua Liturgia, na sua teologia e na sua alma...* Ouço à minha volta *inovadores* que querem dismantelar a Capela-Mor, destruir a chama universal da Igreja, rejeitar os seus ornamentos e fazê-la sentir remorsos pelo seu passado histórico.⁷

Há-de vir um dia em que o mundo civilizado negará o seu Deus, *em que a Igreja duvidará como Pedro duvidou*. Será tentada a crer que o homem se tornou Deus. *Nas nossas igrejas, os Cristãos procurarão em vão pela lamparina vermelha onde Deus os espera*. Como Maria Madalena, chorando diante do túmulo vazio, eles perguntarão: “Para onde O levaram?”⁸

Parece mais que provável que esta catástrofe que o futuro Pio XII reviu esteja profetizada em grande pormenor nas palavras da Virgem de Fátima a que se refere esse incómodo “etc.” Mas os partidários da falsa obediência argumentam que devemos esquecer o assunto, para nos conformarmos com os desejos do Cardeal Bertone e de todos aqueles que não têm autoridade para esconder qualquer parte da Mensagem de Fátima.

A falsa obediência contra a Consagração da Rússia

Da mesma maneira, propõem uma obediência cega e falsa à autoridade humana, ordenando-nos ou parecendo ordenar-nos que deixemos de enviar petições ao Papa ⁹ para a Consagração da Rússia ao Imaculado Coração, que Nossa Senhora de Fátima

prescreveu para a paz no mundo e a salvação das almas nos nossos tempos. Fazem isto apenas porque a autoridade humana declarou uma substituição do que a Rainha do Céu pediu. Em vez da Consagração da Rússia, houve uma consagração do mundo e de “todos os povos” em 1984. O Papa, seguindo os seus conselheiros humanos, demasiado falíveis, evitou qualquer menção da Rússia, com medo de ofender os Ortodoxos Russos, transgredindo o protocolo “ecuménico”.¹⁰ E assim o Papa – cuja vida foi salva pela Santíssima Virgem, como ele próprio reconheceu publicamente em Fátima em 1982 – consagrou o mundo e “todos os povos” precisamente para que *não parecesse que a Rússia, em particular, estava a ser consagrada*. Foi induzido a fazer isto para evitar ofender os homens, ao mesmo tempo que se afastava do pedido da Santíssima Virgem, lamentando mais tarde (como foi noticiado em *L’Osservatore Romano*) que tinha tentado “fazer tudo o que foi possível nas circunstâncias concretas.”¹¹

Baseado numa “consagração da Rússia” que se recusava a mencionar a Rússia, a autoridade humana – não o Papa, mas um funcionário do Vaticano, o então Arcebispo Bertone – declarou, na altura da publicação da visão em 2000 que “todas as *discussões* ou pedidos subsequentes” para a Consagração da Rússia “não tinham qualquer base.”¹² Todas as *discussões* ou pedidos subsequentes! Um homem do Vaticano, que não tem autoridade de facto neste assunto, diz-nos para nem *discutirmos* o que a Virgem Mãe de Deus, falando também como Mãe da Igreja, disse que a Igreja fizesse para a salvação das almas e a paz no mundo. Devemos ficar calados!

Além disso, com essa declaração “oficial” dizem-nos *de facto* que não exerçamos o nosso direito, dado por Deus e definido pelo Segundo Concílio de Lyon e pelo Concílio Vaticano I, de pedir ao Papa uma resolução obrigatória e com autoridade sobre este assunto.

A Mensagem de Fátima nunca pode ser suprimida

Em resposta ao murmurar justificado dos Fiéis, que *não* ficaram “calados,” a burocracia do Vaticano apresentou em 8 de Outubro de 2000 outro substituto humano para o que a Mãe de Deus pediu: uma “dedicação” papal a Maria de praticamente todos e tudo na face da terra, *excepto* a Rússia. Esta ideia de uma “dedicação,” em vez da *consagração* que Nossa Senhora pediu, seria uma “emenda” da prescrição do Céu para atender às objecções que certas autoridades humanas tinham em relação à consagração de qualquer coisa ao Imaculado Coração, que consideravam teologicamente injustificável.

Este desdém da Consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria reflecte um desdém dos acontecimentos de Fátima em geral, da parte dos que seguem a “nova orientação” da Igreja, e um desejo de porem Fátima de lado de uma vez por todas – dando ao mesmo tempo, claro está, a aparência de os considerar seriamente, para aplacar os “simples Fiéis,” como eles gostam de lhes chamar.

O Padre Gruner na sua capela particular, diante da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, a Virgem Peregrina, lembra os amigos de Nossa Senhora nas suas orações quotidianas. Por favor, associem as vossas orações e Terços aos dele, para que todos trabalhem muito e nos sacrifiquemos muito de modo que os pedidos de Nossa Senhora sejam em breve atendidos.



Mas não conseguem ver-se livres de Fátima, porque a Mensagem de Fátima vem de Deus. Papas atrás de Papas atestaram o carácter sobrenatural das aparições e da Mensagem de Fátima em particular. Até o Papa Bento XVI, que, quando era o Cardeal Ratzinger, emprestou o seu nome à campanha da Secretaria de Estado para persuadir os Fiéis de que os acontecimentos preditos no Terceiro Segredo “pertencem ao passado,”¹³ voltou atrás e começou a falar de Fátima como um sinal vindo do Céu, apontando ainda para o futuro – um futuro em que o triunfo e a tragédia estão na balança. Em Belém em 2009, Bento XVI referiu-se ao Triunfo do Imaculado Coração de Maria como um evento que ainda estava para se realizar:

Prometestes aos três pastorinhos de Fátima que “por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará”. Assim seja! Que o amor triunfe sobre o ódio, a solidariedade sobre a divisão, e a paz sobre todas as formas de violência! Que o amor que tendes pelo Vosso Filho nos ensine a amar a Deus com todo o nosso coração, toda a nossa força e toda a nossa alma. Que o Todo-Poderoso nos conceda a Sua misericórdia, nos fortaleça com o Seu poder, e nos encha de todo o bem. (cf. *Lucas* 1:46-56)

Em 13 de Maio de 2010, em Fátima, o Papa rezou para que o Triunfo do Imaculado Coração de Maria se realize antes do ano 2017.

Assim, o próprio Papa Bento XVI rejeitou a ideia absurda da “autoridade” humana (como o Cardeal Bertone) em como a cerimónia de 1984 era a “Consagração da Rússia”¹⁴ que Nossa Senhora tinha pedido, e que o que vemos hoje na Rússia – uma ditadura neo-estalinista e três abortos por cada mulher – e o que vemos hoje no mundo – um colapso moral, espiritual, social, político e económico – é o Triunfo do Imaculado Coração que Ela prometeu para depois de Lhe ser consagrada a Rússia.

Que a Mensagem de Fátima vem de Deus é a razão que faz, nas palavras exactas de um escritor católico, que Fátima continue a vir à tona, como uma rolha submersa na água. O que certos homens que, excedendo a sua autoridade, tentam submergir – Fátima – volta à superfície uma e outra vez, e o próprio Papa está a frustrar o esforço para a manter submersa.

Nenhum homem pode silenciar a Deus

“Em verdade vos digo, que se destes se calassem, as próprias pedras gritariam.” (*Lucas* 19:40) Assim respondeu Nosso Senhor as Fariseus que exigiram que Ele mandasse calar os Seus discípulos, que proclamavam: “Bendito O que vem em nome do Senhor”. Os Fariseus, que viriam a organizar a execução do Messias por quem eles e a raça judaica estavam à espera, tentaram primeiro uma solução de compromisso: *obedece-nos*, a nós, os teus superiores religiosos. *Fica calado*, como nós exigimos, e nós deixamos-te em paz.

Mas o silêncio não era possível; porque ninguém pode silenciar a Deus. Se todos os discípulos tivessem sido intimidados para se calarem, com aquele abuso farisaico de autoridade, até as pedras do caminho pregariam o Evangelho no lugar deles. E aí de quem recomendasse o silêncio em nome da obediência à autoridade humana! Pouco depois deste encontro com os Fariseus, ao chegar a Jerusalém, Nosso Senhor pronunciou o Seu terrível julgamento em relação aos que não quissem ouvir o Evangelho:

“E quando Ele se aproximou, vendo a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Se conhecesse hoje as coisas que fazem a paz, mas agora estão ocultas aos teus olhos! Porque sobre ti virá o dia em que os teus inimigos cavem um muro à tua volta e te cerquem, e te comprimam por todos os lados, e te lancem ao chão, e aos teus filhos contigo: e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste a altura da tua visitação”. (Cf. *Lucas* 19: 40-43)

A Mensagem de Fátima não deve ser silenciada

E assim é com a Mensagem de Fátima, que contém “as coisas que fazem a paz, mas que agora estão ocultas aos teus olhos” – ou seja, dos olhos do povo que tem o dever de as escutar e as dar a conhecer, tal como sucedeu com os Fariseus, que exigiram o silêncio dos discípulos, mas que tinham o dever de escutar e seguir o Messias.

Isto não equivale, é claro, a proclamar que a Mensagem de Fátima é um Evangelho, mas sim que o próprio Evangelho *obriga a Igreja a escutá-la* como uma autêntica profecia: “Não extingais o Espírito. Não desprezeis a profecia.”¹⁵ Porque, como São Tomás de Aquino nos recorda, Deus envia-nos profetas em todos os tempos, “não para ensinar alguma *doutrina* nova, mas para *a orientação dos actos humanos*.”¹⁶

A Mensagem de Fátima foi dada à Igreja *precisamente* para a orientação dos actos humanos nos nossos tempos: a Consagração da Rússia, as devoções dos Cinco Primeiros Sábados, incluindo a Comunhão de Reparação, fazer sacrifícios pelos pecadores, e rezar devotamente o Terço. E que maiores credenciais proféticas poderia haver do que as da própria Mãe de Deus e do Milagre do Sol – o maior milagre público desde a Ressurreição – que Ela se dignou obter em resposta aos que A troçavam e desafiavam, para que “todos possam ver e acreditar.”

Temos que dizer, com toda a sinceridade, que somos vítimas de um abuso de autoridade da parte de certos eclesiásticos que desprezam a profecia de Nossa Senhora de Fátima (i.e. toda a Mensagem de Fátima), apesar de os próprios Papas a terem reconhecido como obrigatória para toda a Igreja. Eis uma explicação papal que João Paulo II deu em 1982 no local das aparições de Fátima. O Papa proclamou exactamente o que tenho aqui dito – que o dever de obedecer a Fátima procede dos Evangelhos e da sagrada Tradição, as duas fontes da Revelação:

O apelo da Senhora de Fátima é tão profundamente enraizado nos Evangelhos e no todo da Tradição que a Igreja sente *interpelada pela Mensagem*.¹⁷ (13 de Maio de 1982, em Fátima)

Antonio Socci disse-o muito bem, no livro em que acusa, com justiça, a autoridade humana errante de ocultar parte do Terceiro Segredo e de impedir a Consagração da Rússia: “O acontecimento de Fátima recebeu da parte da Igreja – que, em geral, é sempre muito cuidadosa no caso de fenómenos sobrenaturais – um reconhecimento sem igual na história do Cristianismo ... É realmente *impossível* – depois de tudo isto – continuar a falar numa ‘revelação particular’ e na importância relativa da Mensagem.”¹⁸

Aqui devo referir, em nota, o facto notável de o Papa Bento XVI, depois de receber o livro de Socci a acusar a autoridade humana deste abuso de poder verdadeiramente farisaico, lho ter agradecido pelos “sentimentos que a sugeriram,” palavras que Socci disse que são “confortantes perante os insultos e as torpes acusações” que Bertone lhe lançou.¹⁹

O dever de recusar a falsa obediência no que respeita a Fátima

O que devemos, pois, fazer? Devemos fazer o que os discípulos fizeram, quando confrontados com a exigência de uma obediência falsa e imoral: respeitosa mas firmemente, recusarmo-nos a obedecer.²⁰ Ensina S. Tomás de Aquino que temos o direito, e até mesmo o dever, de desobedecer a certas ordens dos superiores da Igreja,

pelas mesmas razões que não devemos obedecer aos dirigentes políticos em todas as coisas.

Em primeiro lugar, a “Caridade,” diz S. Tomás de Aquino, “é uma virtude maior do que a obediência.”²¹ A maior Caridade é a salvação das almas. Disse Nossa Senhora em Fátima: “Se fizerdes o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz.”²² (13 de Julho de 1917) E, como a Santa Igreja ensina e professa, a salvação das almas é a sua primeira lei. (Cânone 1752º). Portanto, a Mensagem de Fátima pertence à primeira lei da Igreja – a lei à qual devem conformar-se todas as outras leis da Igreja.

Em segundo lugar, é matéria de senso comum – e ninguém tem mais senso comum do que S. Tomás de Aquino – que nem mesmo os governantes da Igreja receberam de Deus qualquer autoridade que lhes permita excederem o âmbito da sua autoridade, que foi o que o Secretário de Estado do Vaticano fez no caso de Fátima. Nem nenhuma autoridade da Igreja pode pedir obediência a ordens injustas e contrárias ao bem comum da Igreja ou da própria Lei Divina, ou a um simples bem humano se daí resultasse um mal indevido. Por exemplo, se até mesmo o Papa desse ordem para todos os Católicos dormirem no chão pelo resto da vida como penitência, podíamos recusar-nos a obedecer a uma tal ordem, por representar um fardo indevido sobre o bem humano e a necessidade do sono.

Em terceiro lugar, como ensina S. Tomás de Aquino, há três tipos de obediência: a obediência suficiente para a salvação; a obediência perfeita ou superabundante; e, finalmente, aquela obediência a que ele chama *indiscreta*, que obedece até em matérias ilícitas. A obediência indiscreta é contrária à lei de Deus e, conseqüentemente, é um tipo de obediência que nós nunca devemos prestar. A obediência indiscreta é, pura e simplesmente, *um pecado*.

Mesmo quando fala dos religiosos professos, que têm o grau mais alto de obediência na Igreja, S. Tomás de Aquino ensina que um religioso deve obedecer ao seu superior apenas com respeito às coisas que pertencem ao seu modo de vida religiosa – essa obediência limitada é suficiente para a salvação. Se uma pessoa sujeita a outra quer obedecer noutros assuntos, demonstraria uma superabundância da virtude da obediência. Mas essa obediência superabundante não deve ser “contrária a Deus ou à regra que professa, porque a obediência seria ilícita nestes casos.”²³ Repito: S. Tomás de Aquino ensina que seria ilícito, mesmo para um religioso professo, sob o voto estrito da obediência, obedecer a uma ordem contrária a Deus ou à regra que ele professa perante Deus.

Obedecer a uma ordem para ficar silencioso, vinda daqueles que desprezam a profecia da Mãe de Deus em Fátima, é também desprezar aquela profecia, o que contraria a recomendação dos Evangelhos e é, portanto, contrário a Deus. Também contraria a regra que todos os Católicos professam no Baptismo e na Confirmação: a regra da Fé, que nos obriga a não desprezarmos a profecia, e a recusarmo-nos a seguir aqueles que desprezam a profecia. Seguir quem despreza a profecia é, de facto, *desobediência* da pior espécie – seguir os homens em vez de Deus, o que levará à nossa destruição com não

menor certeza do que levou à destruição de Jerusalém. Como Nossa Senhora de Fátima nos avisou: “Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados; o Santo Padre terá muito que sofrer; *várias nações serão aniquiladas.*”

Acreditamos nesta profecia ou não? Se acreditamos, como devemos, o silêncio ou a inacção em face de tentativas para a alterar ou enterrar não é uma opção, e muito menos um dever de “obediência,” mas um pecado de omissão. O nosso dever, portanto, é não obedecer ao que querem ver-se livres de Fátima, mas, pelo contrário, rezar sem cessar, enviar petições, e *exigir*, com todo o devido respeito, que a vontade humana ceda à vontade divina, que o Terceiro Segredo de Fátima – uma mensagem preciosa e um aviso à Igreja e a todo o mundo – seja revelado na sua totalidade, e que a Rússia seja consagrada ao Imaculado Coração de Maria.

As consequências que enfrentamos

Quais são as consequências de os eclesiásticos continuarem a ignorar o que Nossa Senhora de Fátima ordenou? Muito simplesmente, responderem por isso perante Nosso Senhor, a Santíssima Virgem e o seu próximo pelo castigo resultante da disobediência. Já explorei todas as implicações desta responsabilidade noutra obra.²⁴ Mas aqui basta-nos considerar o exemplo do Rei de França. Se o Rei de França não fosse sujeito à obediência ao Sagrado Coração de Jesus quando recebeu em 17 de Junho de 1689, através de Santa Margarida Maria, a ordem para consagrar a França ao Sagrado Coração, não haveria justificação para o castigo do seu sucessor, Luís XVI, em 17 de Junho de 1789 – exactamente cem anos depois – quando o Terceiro Estado derrubou a sua autoridade e declarou a Assembleia Nacional, começando assim a Revolução Francesa, que levou à execução de Luís XVI em 1793.

Da mesma maneira, se o Papa e os Bispos não estivessem estritamente obrigados pela obediência à Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria e aos Seus pedidos, que lhes foram dados na Mensagem de Fátima, o castigo do Papa e dos Bispos, predito na visão do “Bispo vestido de branco” – ser executado por um grupo de soldados fora de uma cidade meio arruinada – não se justificaria com o seu fracasso em consagrar a Rússia ou em revelar o Terceiro Segredo na sua íntegra.

Mas foi precisamente a falta de obediência da parte do Rei, no primeiro caso, e do Papa e dos Bispos, no segundo, que precipitou sobre as suas cabeças um castigo divino. Como Nosso Senhor disse à Irmã Lúcia em Rianjo: “Participa aos Meus ministros que, dado seguirem o exemplo do rei de França na demora em executar o Meu mandato, tal como a ele aconteceu, assim o seguirão na aflição.”

Se o Papa quiser seguir conselheiros falíveis em vez da Mãe de Deus, então, como aconteceu ao Rei de França, ele será chamado a pagar o preço do seu acto. Da mesma maneira, se os Bispos, pela sua indolência, rebelião ou falsos conselhos, teimarem em

impedir a realização dos imperativos para a Igreja apresentados em Fátima, encontrar-se-ão naquele monte, fora da cidade meio arruinada, de que fala a visão, juntamente com o “Bispo vestido de branco,” que será executado antes de ser a vez deles.

E que Deus tenha piedade de todos nós! Porque se formos negligentes em desempenhar o papel atribuído a cada um de nós, segundo o seu lugar na Igreja, partilharemos do castigo devido, por não reconhecermos o nosso momento de graça e perdão e o momento da nossa “visitação” [Lucas 19:43], que está a aproximar-se depressa do fim. Tal como os Evangelhos – de facto, *por causa* dos Evangelhos – a Mensagem de Fátima deve ser proclamada dos telhados. Não as pedras do caminho, mas os Católicos de todo o mundo devem proclamar a Mensagem de Fátima até que os seus imperativos divinos tenham sido ouvidos e obedecidos pelos dirigentes extraviados de uma Igreja que levaram a uma crise sem precedentes. Só então pode a Igreja e o mundo evitar o destino de que fomos bem avisados pelo maior de todos os profetas, depois de Nosso Senhor: a Sua Mãe sem pecado, Mediadora de todas as Graças, incluindo a graça de Fátima.

Nota do Editor: Para quem desejar um tratamento mais completo dos temas aqui mencionados, recomendamos as seguintes obras: Christopher A. Ferrara, [*O Segredo Por Revelar*](#) – disponível em inglês (2008), italiano (2009), português, espanhol e francês (todos em 2010) – Padre Paul Kramer, *The Devil’s Final Battle* (2010); a extensa resposta a Antonio Borelli, da TFP, “Friendly Reflections?” (2010), e o seu resumo, “Friendly Reflections? A Summary of the Critique” (2010); Padre Nicholas Gruner e outros peritos de Fátima, [*Escravidão mundial ou paz... a decisão é do Papa*](#) (1988); e Padre Joseph de Sainte-Marie, O.C.D., “REFLEXÕES sobre o acto de consagração em Fátima do Papa João Paulo II, em 13 de Maio de 1982”, em *Marianum* (Roma: Ephemerides Mariologiae, 1982), Annus XLIV, Fasc. I-II, No. 128, pp. 88-142. Ver também Padre Joseph de Sainte-Marie, O.C.D., “The Church’s Duty in the Face of the Message of Fatima”, em *The Fatima Crusader*, Nº 9-10 (Outubro-Dezembro de 1982), páginas 9-10; Bispo Rudolph Graber, “Why this Pall of Silence Regarding Fatima?”, em *The Fatima Crusader*, Nº 19 (Fevereiro-Abril de 1986), páginas 4-5; e (quanto à nota 3) Padre Paul Kramer, [*The Suicide of Altering the Faith in the Liturgy*](#) (2006). Todas estas fontes estão disponíveis no Fatima Center; algumas encontram-se também na Internet. Veja-se <http://www.secretstillhidden.com> (*O Segredo por revelar*, em inglês); <http://www.ilsegretoancoranascosto.it> (*O Segredo por revelar*, em italiano); <http://www.fatima.org/news/newsviews/ferraraexpose.pdf> (“Friendly Reflections?”); <http://www.worldenslavementorpeace.com> (*Escravidão mundial ou paz... a decisão é do Papa*); <http://www.fatimacrusader.com/cr09/cr09pg09.asp> (“The Church’s Duty in the Face of the Message of Fatima”); <http://www.fatimacrusader.com/cr19/cr19pg04.asp> (“Why this Pall of Silence Regarding Fatima?”); e <http://www.alteringliturgy.com> (*The Suicide of Altering the Faith in the Liturgy*).

Notas:

- (1) Antonio Socci, *Il Quarto Segreto di Fátima [O Quarto Segredo de Fátima]* (Milano: Rizzoli, 2006), ed. em inglês, p. 162; ed. popular, p. 111; ed. italiana, pp. 172-173.
- (2) É da estrita obrigação de todos os Católicos – incluindo o Papa – acreditar e obedecer a todas as ordens de Nosso Senhor e de Nossa Senhora na Mensagem de Fátima; vejam-se também

os ensaios do Padre Nicholas Gruner “[The Most Grave Obligation](#)” e “[Do Not Extinguish the \(Holy\) Spirit. Do Not Despise Prophecy](#)”, em *Fatima Priest* (Pound Ridge, New York: Good Counsel Publications, 1997), Livro II (“In His Own Words”), Capítulos 5-6, 1ª Edição, pp. 275-301; 2ª Edição, pp. 262-288; na Internet em <http://www.fatimapriest.com/bIIch5.html> e <http://www.fatimapriest.com/bIIch6.html>. Ver também Padre Joseph de Sainte-Marie, O.C.D., “[REFLEXÕES sobre o Acto de Consagração realizado pelo Papa João Paulo II em Fátima, a 13 de Maio de 1982](#)”, em *Escravidão mundial ou paz... a decisão é do Papa* (Fort Erie: The Fatima Crusader, 1988), Secção XV, pp. 534-582; publicado originalmente em *Marianum* (Roma: Ephemerides Mariologiae, 1982), Annus XLIV, Fasc. I-II, No. 128, pp. 88-142.

- (3) O Concílio de Trento, na Sessão 7ª, Cânone 13º, “Sobre os Sacramentos em geral”, define que nenhum pastor, independente do seu posto – nem sequer o Papa – pode alterar a Liturgia com novos ritos da Missa. Nas palavras do Cânone 13: “Se alguém disser que os ritos recebidos e aprovados da Igreja Católica, usados de costume na administração solene dos Sacramentos, possam ser desprezados, ou possam ser livremente omitidos pelos ministros sem pecar, ou possam ser alterados para outros ritos novos por qualquer pastor da Igreja, seja ele quem for, seja anátema.”
- (4) Frère Michel de la Sainte Trinité, *The Whole Truth About Fátima - Vol. III: The Third Secret* (Buffalo: Immaculate Heart Publications, 1990, nova publicação em 2001), p. 710.
- (5) Como o Cardeal Ratzinger lhe chamou, em *A Mensagem de Fátima*, p. 31.
- (6) Para uma resposta completa à reflexão de Antonio Borelli sobre o Terceiro Segredo de Fátima, veja-se a resposta por Christopher A. Ferrara, “Friendly Reflections?” (na Internet em <http://www.fatima.org/news/newsviews/ferraraexpose.pdf>).
- (7) Monsenhor Georges Roche, *Pie XII devant L’Histoire* (Paris: Éditions Robert Laffont, 1972), p. 52.
- (8) *Ibid.*, p. 53.
- (9) Cada membro dos Fiéis da Igreja Católica tem o direito, definido pelo Segundo Concílio de Lyon e pelo Concílio Vaticano I, de apelar ao Papa em assuntos pertencentes à jurisdição eclesiástica. Veja-se Dz. 466 (D.S. 861), Dz. 1830 (D.S. 3063) e Dz. 1831 (D.S. 3064).
- (10) Ver a revista *Inside the Vatican*, Novembro de 2000.
- (11) *L’Osservatore Romano*, 19 de Maio de 1982.
- (12) “Introdução”, *A Mensagem de Fátima* (2000), www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_en.html
- (13) *Ibid.*, “Comentário teológico”.
- (14) Em 25 de Março de 1984, o Papa João Paulo II rejeitou também esta ideia absurda, dizendo a seguir à consagração: “Iluminai especialmente os povos cuja consagração e dedicação *estais esperando*”, como se lê no número de 26-27 de Março de 1984 de *L’Osservatore Romano*. Veja-se a reprodução fotográfica em Padre Paul Kramer, *The Devil’s Final Battle*, 2ª Edição

(Buffalo: The Missionary Association, 2010), Apêndice I; cf. *The Devil's Final Battle [O derradeiro combate do demónio]*, 1ª Edição (2002), p. 274. Ver também uma reprodução fotográfica do artigo de *L'Osservatore Romano* que relata palavras semelhantes, ditas pelo Papa numa oração pública três horas depois, em *The Devil's Final Battle*, 2ª Edição, versão num só volume, secção de fotografias, p. XVI; versão em dois volumes, p. 287.

(15) 1 Tess. 5:19-22.

(16) *Summa Theologicae*, II-II, Q. 174, Art. 6.

(17) Para uma explicação, mais pormenorizada do que o presente artigo, da razão para a Igreja ter o dever de obedecer a Nossa Senhora de Fátima, ver os meus vários trabalhos sobre este assunto, incluindo: “A Mensagem de Fátima impõe uma obrigação à Igreja” (<http://www.worldenslavementorpeace.com/port/p5cp2.asp>), “Os Bispos devem obedecer a Nossa Senhora de Fátima” (<http://www.worldenslavementorpeace.com/port/p5cp3.asp>) e “A paz mundial depende dos Bispos Católicos e de voce” (<http://www.worldenslavementorpeace.com/port/p5cp5.asp>) em *Escravidão mundial ou paz... a decisão é do Papa*, pp.84-111, 117-134.

(18) Antonio Socci, *Il Quarto Segreto di Fatima [O Quarto Segredo de Fátima]* (Milano: Rizzoli, 2006), ed. em inglês, pp. 7-9; ed. popular, pp. 13-14; ed. italiana, p. 17. Ver também Padre Nicholas Gruner e outros peritos de Fátima, “[A Igreja \(constituída pelos Fieis, pelos Bispos e pelo Papa\) tem obrigação de obedecer as solicitações de N. Senhora](#)”, *Escravidão mundial ou paz... a decisão é do Papa*, Secção V, pp. 83-157.

(19) Antonio Socci, “Caro Cardeal Bertone: Qual de nós dois está a mentir deliberadamente?”, 12 de Maio de 2007, em <http://www.antoniosocci.com/2007/05/caro-cardinale-bertone-chi-e'-fra-me-e-lei-che-mente-sapendo-di-mentire-elasciamo-stare-la-massoneria.../>

(20) De facto, S. Roberto Belarmino, Suárez e Torquemada ensinam todos a obrigação de *resistir* a uma ordem que seja contrária ao bem comum da Igreja. (Vitoria: *Obras*, pp. 486-487; Suárez: *De Fide*, disp. X, sec. VI, nº 16; S. Roberto Belarmino: *de Rom. Pont.*, Livro 2, Cap. 29; Cornelius a Lapide: ad Gal. 2, 11, etc.)

(21) *Summa Theologicae*, II-II, Q. 104, Art. 3.

(22) Irmã Lúcia, “Quarta Memória”, *Memórias da Irmã Lúcia* (Vice-Postulação, Fátima, 6ª edição 1990), p. 163. Ver também Frère Michel de la Sainte Trinité, *The Whole Truth About Fátima* - Vol. I: *Science and the Facts* (Buffalo: Immaculate Heart Publications, 1989), p. 182.

(23) *Summa Theologiae*, II-II, Q. 104, Art. 5.

(24) Cf. *Escravidão mundial ou paz... a decisão é do Papa* e outros ensaios referidos nestas notas.